

Entre Resistência e Censura: Usos Táticos das Tecnologias Digitais por Migrantes e Descendentes Palestinas que vivem no Brasil¹

2

Resumo

O trabalho objetiva por meio da análise dos relatos biográficos de mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil, observar como o uso das tecnologias digitais se configura como usos táticos. O trabalho faz parte de uma tese em desenvolvimento. Observamos que os processos de diáspora e a contextualização histórica da Palestina contribuíram para um uso tático das TIC's, seja na produção de conteúdo ou na abdicação a fim de burlar o mecanismo israelense de controle das informações. Esses usos táticos são utilizados como forma de resistência, e também apontam formas de censura das tecnologias digitais para com os palestinos.

Palavras-chave

Usos táticos; Tecnologias digitais; Migração; Mulheres Palestinas.

Introdução

O trabalho se refere a um recorte de uma tese em desenvolvimento em Comunicação. A pesquisa tem como problemática compreender como mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil usam as tecnologias digitais como táticas nos âmbitos migratórios, políticos, de gênero, cultural/social. Nesse sentido, o texto em questão objetiva analisar os usos táticos das tecnologias digitais apontados por estas mulheres considerando algumas ações de resistência e luta contra a censura.

Falamos de usos táticos, inspirados pelo conceito de tática de Michel de Certeau (1998). As táticas se referem às micro ações do cotidiano capazes de subverter a configuração

¹ Trabalho apresentado no Grupo de trabalho (GT) Apropriação de tecnologias digitais em contextos diaspóricos do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

² Apoio: CAPES

cultural instaurada. Assim, relacionamos as táticas com os usos das tecnologias digitais.

As mulheres participantes da pesquisa são³: Amanda, Norim, Rania, Radicha, Hanan, Miriam e Sara, descendentes; Sabah, Rifka e Maysar, imigrantes. Hanan, Sabah e Rifka usam o hijab, vestimenta muçulmana. É importante salientar que a coleta de dados ocorreu no período de novembro de 2022 a setembro de 2023, ou seja, o conflito recente entre Israel e Palestina, de 07 de outubro de 2023, não havia iniciado.

Usos das tecnologias digitais, migração e Palestina

Os palestinos são marcados por um histórico de resistência, luta e censura, tanto nos ambientes digitais como nos ambientes físicos. A internet para esse povo assume múltiplos significados, ao mesmo tempo que pode ser uma via de fuga, às opressões e falta de liberdade física, pode também gerar um sentimento de impotência e solidão coletiva (Aouragh, 2011). Entretanto, como enfatiza Brignol (2020, p. 209), a apropriação da mídia pode conferir a grupos em diásporas formas de resistir e lutar por posições políticas.

Aouragh (2011) analisou por meio de etnografia na Palestina, o modo como os palestinos utilizaram a internet nos primeiros anos de surgimento dela. A autora salienta que apesar de ser uma ferramenta poderosa para uma nação em exílio, esse entusiasmo deve ser visto com ressalvas. O uso da internet pelos palestinos fortaleceu e reconfigurou a comunicação interna, assim como reconstruiu a relação com o público global, já que atribuiu voz aos que não tinham. A autora sinaliza que a motivação online dos palestinos é moldada por experiências de exclusão, isolamento e repressão. Logo, o desejo de conectar-se online está relacionado diretamente ao desejo de conectar-se presencialmente.

³ Nomes fictícios escolhidos pelas próprias mulheres, com exceção de Hanan e Maysar que autorizaram usar seus nomes. As duas produzem conteúdo para as redes sociais digitais.

Para contextualizar rapidamente a relação da mídia e da guerra Israel-Palestina, elencamos o conflito recente entre Israel e Hamas, iniciado em 07 de outubro de 2023, quando o Hamas lança foguetes de Gaza em direção à Israel. De acordo com o site *Le Monde diplomatique Brasil* (2023)⁴, a ênfase midiática atribuída a essa ação no mundo todo tem como motivo as proporções de violência vistas pela perspectiva dos israelenses, ou seja, agora Israel está sentindo os impactos que os palestinos há muito tempo sentem. A desumanização do povo palestino fica evidente nas coberturas midiáticas. O jornal francês citado aponta como a CNN Brasil noticiou que Hamas estariam atacando Israel, em contrapartida as bombas que atingiram Gaza aparecem sem um recorrente, ou seja, há uma omissão bem articulada para isentar Israel pelos atentados.

Após contextualizar sobre o uso das TIC's, a questão migratória e o papel da mídia no conflito Israel-Palestina, passamos para alguns achados empíricos dos usos táticos das tecnologias digitais apontados pelas entrevistadas.

Entre a resistência e a censura: usos táticos das TIC's

Como uma forma de síntese da coleta de dados, destacamos para este trabalho alguns usos táticos das tecnologias digitais relatados pelas mulheres entrevistadas, principalmente os que apontam para táticas de resistência e censura.

A mulher palestina é enfatizada no relato das interlocutoras como possuindo uma participação política superior à dos homens nos ambientes digitais e físicos. Essa mulher assume o papel de perpetuar a história Palestina, passar a luta para os demais, e participar de ações políticas:

A participação das mulheres é muito importante na nossa causa Palestina [...] Eu acho que a internet, principalmente para os palestinos, foi um divisor de águas. Porque você não tinha voz. Os meios de comunicação, como televisão, jornal, eles não dão voz para causa Palestina. Mas agora com a internet eu posso abrir uma página que eu coloco realmente o que acontece lá. Eu tenho a minha página e tudo

⁴ A contribuição da mídia para o ciclo de violência. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-contribuicao-da-midia-para-o-ciclo-de-violencia/>> . Acesso em: 26/10/2023.

que acontece lá [...] A nossa causa Palestina ficou mais latente com a internet.
(Maysar)

Quando questionada sobre o papel das mulheres ativistas nas redes sociais, Sara enfatiza o papel das redes como um facilitador para desmistificar a religião Islã.

Elas [mulheres ativistas] estão nessa luta de direitos humanos [...] Elas estão tentando através das redes sociais explicar através dos vídeos e partes do Alcorão [...] que a religião não é isso, esse terror todo que pensam que é. A mulher, se usa lenço, não tá sendo abusada. Ela tá sendo cuidada de uma outra forma, a mulher não tá sendo maltratada do lado do marido, isso realmente não existe. A maioria da gente tá sendo tratada como uma rainha. [...] Tem umas que realmente sofrem... mas a maioria hoje tem mente aberta, entrou nas redes sociais... [...] [As mulheres] através dessas redes sociais, colocam a “cara a bater” e chegar e mudar o pensamento... (Sabah)

A censura⁵ é um tópico presente na fala das mulheres, elas reconhecem que as tecnologias digitais possuem mecanismos que censuram, diminuem o alcance e bloqueiam determinados conteúdos relacionados à Palestina. Além disso, há a preocupação de serem atreladas ao nazismo, como é destacado por Norim, que já produziu conteúdos relacionado a temática mas acabou não seguindo com a ideia:

A Palestina, todo o Oriente Médio, ele é colocado em um “cadinho” onde ninguém sabe o que está se passando [...]. Então eu criei isso [alguns conteúdos], porque eu gostaria que as pessoas próximas de mim, os meus amigos, as pessoas que me conhecem sabem que eu sou [...], entendesse um pouquinho mais do que se trata [...]. Então foi nesse sentido, que eu comecei a criar esse conteúdo. Eu não segui, [poduzindo conteúdo] [...] eu tenho um pouco de medo, inclusive, de dar minha cara a tapa na internet e depois você tá achada nazista ou algo do tipo, já aconteceu isso. (Norim)

Eu não posto nada, porque tem coisas que quando tu começa a postar, começa a diminuir sua visualização, então, eu nem coloco. [...]. Se o meu filho posta, [...] isso é ocultado rapidamente. Às vezes ele até perde por um tempo o Instagram e depois volta. Então é melhor não postar nada. (Miriam)

⁵ Utilizaremos Canclini (2019), Van Dijck (2017) e outros autores para compreender as censuras e os processos de seleção/bloqueios nas plataformas digitais.

Quando [...] judeus massacraram não sei quantas pessoas.... Tu não pode postar, tu não pode escrever “A” Palestina, tem que botar no lugar 4 [P4lestina] para tentar burlar isso na internet. Eles falam que fica indisponível... [...] Eles dominam esse mercado de comunicação. (Miriam)

Além da censura pela internet, há também uma censura dos meios de comunicação como um todo, inclusive das linhas telefônicas. Sabah relata que em uma viagem à Palestina, sofreu um bloqueio de comunicação ao falar o nome de uma comida com o seu cunhado. Neste relato é possível confirmar o que Miriam diz: que Israel domina os meios de comunicação.

Só de falar disso já dá uma angústia, porque não tem privacidade nenhuma, liberdade nenhuma. [...] a gente tem uma comida árabe que se chama ‘uzi’ e em árabe significa fuzil, de tão forte, do tempero dela tão forte da comida... e eu tava falando com o meu cunhado um dia por telefone [os dois na palestina] e eu falei ‘uzi’ e bloqueou o meu celular, bloqueou o celular do meu cunhado, porque parecia que a gente tava falando de fuzil, sabe? E a gente tava falando da comida, porque eu ia comer na casa dele [...], nossa aí bloqueou meu celular por dois dias e o dele também. O meu voltou, mas o dele não, porque ele é ex-presidiário de Israel, não voltou. Ele teve que trocar de chip, trocar de número pra ele conseguir usar o celular de novo. (Sabah)

Algumas mulheres afirmam se abster de postarem conteúdos pró-Palestina e anti-Israel, principalmente quando tem viagens próximas à Palestina. O medo é que sejam barradas ao chegarem ao aeroporto de Tel-Aviv.

[...] Eu lembro que em 2018, quando eu e a minha filha fomos para a Palestina... [...] ela postava muito no Facebook [...] Mas antes da gente ir para a Palestina ela tinha feito algumas postagens e ela acabou deletando aquelas postagens [pró-Palestina], porque a gente ficou com medo de chegar... porque como eu te falei, a gente chega lá [em Tel Aviv] e eles [israelenses] começam a nos interrogar. Talvez algumas pessoas que já tenham sido deportadas foram porque tinham postado coisas anti Israel. [...]. Então ela deletou quando a gente foi pra lá, para se caso eles fossem acessar o Facebook dela, não encontrassem nada que pudesse impedir a entrada dela na Palestina. (Sara)

Considerações Finais

Os usos das tecnologias digitais apontados pelas mulheres indicam ações táticas, uma vez que agem no interior do sistema em que estão, brasileiro-palestino, subvertendo

algumas lógicas cristalizadas, como o estereótipo com relação ao papel da mulher palestina na sociedade.

As mulheres mostram-se conscientes sobre as censuras com relação a Palestina e os meios de comunicação. Algumas, mesmo sabendo das consequências produzem conteúdos pró Palestina, outras abdicam-se por receio de retaliação, censura e bloqueio de acesso à Palestina. Portanto, o trabalho traz alguns indícios de que as mulheres palestinas, migrantes/descendentes além de conscientes de seu papel social e político no Brasil, usam as TIC's de modo tático.

Referências

AOURAGH, Miriyam. **Palestine Online: Transnationalism, the Internet and the Construction of Identity**. I.B.Tauris & Co Ltd, London – New York, 2011.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Comunicação midiática e migrações transacionais: percursos de análises da representação midiática à webdiáspora senegalesa. In. **Migrações internacionais** [recurso eletrônico] : experiências e desafios para a proteção e promoção de direitos humanos no Brasil / organizadora Giuliana Redin. – Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2020. 1 e-book

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1998.